

# ATLÂNTIDA

---

Álvaro Domingues . Duarte Belo . José Tolentino Mendonça

---



© Álvaro Domingues



© Duarte Belo



© Álvaro Domingues



© Duarte Belo



© Álvaro Domingues



© Duarte Belo



© Álvaro Domingues



© Duarte Belo



© Álvaro Domingues



© Duarte Belo

## A Madeira nunca existiu

A primeira coisa que fiz foi telefonar a amigos que pudessem ter guardado uma memória desse episódio. Uns não se recordavam de todo e passámos rapidamente a outro assunto. Outros comentaram, com hesitação: “sim...talvez...agora que dizes, creio que me lembro de qualquer coisa”. E um deles deixou-me a rir: “sabes, agora que falaste, é como se uma daquelas falsas memórias que os neurocientistas estudam se tivesse instalado no meu cérebro. Vejo tudo o que contas como se eu próprio o recordasse, é estranho isto, não é?”. Como se percebe, os amigos não me foram de grande préstimo. Sentei-me e fiquei ali parado por longo tempo.

O inverno parecia ter vontade de derramar, sobre a minha tarde incongruente, a água que armazenou durante séculos. Pus-me a contar os fios de chuva, como que a ganhar tempo. Era claro que teria de contar apenas comigo para abrir o alçapão de uma ilha submersa. Acho estranho que os meus amigos não se recordassem, porque todos estes anos o facto nunca me abandonou e, muitas vezes, nas involuntárias incursões por onde a memória se escapa, me senti a reviver esses dias. Mas as ilhas estão presas a outras ilhas que vão ficando submersas. Uma ilha existe até que, de repente, se apaga e no seu lugar surge outra. Por isso, a paisagem de uma ilha nunca é só a sua paisagem: faz-se sempre acompanhar de um fantasma. Acho que o seu encanto deriva daí. E também o seu terror.

Recordo, como se fosse hoje, a chegada à Madeira do Professor Karma, um renomado mentalista – como o próprio se fazia anunciar –, e que se propunha conduzir de olhos vendados à volta da ilha. Quem conhece a orografia da Madeira e o que era o seu arrepiante mapa estradal nos anos oitenta compreende a excitação que se instalou. Os que éramos então miúdos acompanhámos com frenesim as declarações do improvável herói.

Estávamos abismados, perto do colapso. Era como se o Homem-aranha, o Mandrake, o Flash Gordon, o Hulk ou o Capitão América tivessem passado do plano

da ficção para atuar no nosso mundo insular. Fomos para o local de partida, amontoados entre os curiosos, e estavam lá os repórteres dos jornais e as rádios a disputarem a transmissão fiel daquela alucinação. E, sim, eu vi (ou julgo ter visto) partir do Campo da Barca o Professor Karma.

lá de olhos vendados, eu e os que estávamos lá podemos confirmar. E a verdade é que chegou até a Assomada, no Caniço. Depois, nunca percebi bem. Ou houve um qualquer incidente. Ou o nosso herói foi inesperadamente chamado para uma proeza maior. E, de repente, essa ilha submergiu-se a tal ponto que os que a viveram já não recordam o facto. Mas as ilhas são assim, já todos nos habituámos.

Acontece-nos, porém, que ao deslizarmos hoje pelo novo roteiro estradal – agora tão fluido – ou ao nos debruçarmos pelas janelas da paisagem modificada, nos sintamos inexplicavelmente estremecer por um fragmento de memória tão ancestral e verdadeiro que dizemos para nós próprios: isto nunca existiu, só pode ser inventado.

José Tolentino Mendonça